

Relações de Gênero e Produção de Cerâmica na Comunidade Quilobola da Olaria, em Irará-Bahia

Gender Relations and Pottery in the Quilombola Community of Olaria, in Irará-Bahia

Jucélia Bispo dos Santos

Rede Estadual de Ensino da Bahia
Faculdade Nobre de Feira de Santana
prof.jucelia@bol.com.br

Resumo

A tradição de fazer objetos de cerâmica é uma prática desenvolvida entre famílias da comunidade quilombola da Olaria, em Irará. Essa técnica é passada de geração a geração como um saber dominado por mulheres. Tanto é assim que é comum encontrar a louceira, a qual aprendeu a fazer utensílios de barro com a mãe, poucas mencionam que aprenderam a arte com alguém de fora da família. Constam-se nesse exemplo, mulheres que aprenderam a modelar o barro com a sogra. Uma vez que a comunidade possui um modelo de família patriarcal, isso contribui para que esse saber que é passado de geração e geração, de mulheres, volte-se para as noras, já que os homens não fazem cerâmica. Nos dias atuais, a fabricação de objetos de cerâmica da comunidade é voltada para a geração de trabalho e renda, centrando o foco nas determinações de sua existência social como produção, distribuição e comercialização.

Palavras-Chave: Mulheres; Cerâmica; Trabalho; Tradição.

Abstract

The traditional activity of pottery is a practice developed among some families from the quilombola community of Olaria, in Irará, Bahia. This technique is passed on from generation to generation, as a knowledge mastered by women. It is so true that it is common to find potters who have learned to make ceramic ware with their mothers. Few are those who mention to have learned this art out of their own families. Some examples of these are women who learned how to mould clay with their mothers-in-law. Since the community follows the patriarchal family model, this fact make possible that this knowledge, that is transmitted among women from a generation to another, be passed on to daughters-in-law, since men do not make pottery. In the current days, the manufacturing of ceramic ware in the community is destined to the generation of jobs and incomes, and its social existence is focused on production, distribution and trade.

Keywords: Women; Pottery; Work; Tradition.



Introdução

O locus desta pesquisa é a comunidade da Olaria, a qual, portanto, faz parte do município de Irará-Bahia. Atualmente, Irará possui 25.531 habitantes e uma área total de 271,7 km², distando sua sede, cerca de 137 km de Salvador, capital do Estado. Esse município possui as seguintes rodovias: a BA-084, via Coração de Maria (de ligação à capital do estado); a BA-504 via Santanópolis (que liga à cidade de Feira de Santana).

Irará está centrado numa zona de transição entre o recôncavo e os tabuleiros semi-áridos do Nordeste. Essa região apresenta um clima seco, solos rasos e pedregosos. Sua vegetação é constituída de espécies que se misturam: floresta tropical, na região leste e caatinga (cactos, pequenas árvores e arbustos), na região oeste.

Irará é dividido em zona rural e zona urbana. Além do distrito-sede de Irará, o município também é composto pelas vilas de Bento Simões e da Caroba, e por povoados e fazendas que formam sua zona rural.

Na sede municipal existem duas agências bancárias, uma federal e uma privada, além de possuir uma agência de Correio e Telégrafos. Para o atendimento da população, existe um hospital conveniado ao SUS, dispondo de vinte leitos. O abastecimento de água é feito pela Embasa, e 26,5% domicílios possuem acesso à água encanada.

Na cidade, o comércio é bastante diversificado, sendo encontrados: supermercados, lojas de calçados e roupas, postos de gasolina, salões de beleza, bares, entre outros. Já o setor industrial não é tão expressivo no município: Irará possui apenas pequenas indústrias de farinha, algumas madeireiras, as de confecções e prestação de serviços em facção, e granjas com abatedouro.

Aos sábados é realizada a feira livre de Irará, uma das mais importantes da micro-região de Feira de Santana, nesses dias, o ritmo da cidade muda: as ruas são tomadas por uma multidão bem heterogênea que aumenta os fluxos e mobilidades sócio-econômicas. Na Praça da Purificação, são erguidas barracas de madeira que formam as bancas de hortifrutigranjeiros, roupas, utilidades domésticas e artesanatos, como: objetos de cerâmica, esteiras, cestos, chapéus de palha, chicotes, móveis, artefatos de couro para montaria, dentre outros. No mercado municipal são vendidos carnes, carne-de-sol, requeijão, beiju, farinha, feijão, milho, fumo de corda, cachaça, manteiga-da-terra, dentre outros elementos, que atendem ao abastecimento da população local e de outras cidades próximas, como Coração de Maria, Água Fria, Ouriçangas e Santanópolis. A feira se dá durante as madrugadas e manhãs de sábado.

O campo é formado por minifúndios e fazendas. Na zona rural, destacam-se as propriedades de pequeno porte, onde se desenvolve a agricultura de subsistência. Destacam-se também, a avicultura, a apicultura e a pecuária, com a criação de bovinos para o abate no mercado local. A agricultura é produzida em pequenas e médias propriedades com utilização de mão-de-obra familiar, técnicas tradicionais e rudimentares e se destina a subsistência da família. A mão-de-obra doméstica aplicada na agricultura se organiza em torno da e para a famí-

lia, por uma lógica que reúne saberes e valores que asseguram a reprodução da unidade familiar.

A Fundação Palmares aponta que existem vários núcleos de resistência negra, no Brasil, conhecidos como comunidades remanescentes de quilombos. Essa demarcação procedeu de uma catalogação feita, nas diversas regiões do país, conforme elementos recolhidos por meio de pesquisas, esses grupos são distinguidos através da relação de descendência de negros dos quilombos.

De acordo com a primeira configuração espacial dos territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil, atualmente, existem no Brasil cerca de 2 milhões de quilombolas. Nos dias atuais, a Bahia possui 396 grupos registrados como comunidades de quilombos. Esses estão espalhados entre os 417 do estado. Conforme a abordagem de Rafael Sanzio dos Santos, a extensão territorial dos quilombos e as revoltas dos povos negros no Brasil, à configuração territorial etnológica africana no país e a distribuição da população negra em várias regiões da Bahia favoreceram o mapeamento dos remanescentes de quilombos no país que mostra os territórios quilombolas que já foram demarcados desde a Constituição de 1988, inclusive na micro-região de Feira de Santana, onde o município de Irará está inserido, que tem as seguintes comunidades:

- a) Água Fria: Paramirim dos Crioulos;
- b) Feira de Santana: Lagoa do Negro, Lagoa Grande Matinha e Roçado;
- c) Irará: Crioulo, Mocambinho, Olaria Tapera;
- d) Terra Nova: Caboatá, Malemba.

Esta coleta foi feita pelo Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográfica do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB). Conforme as informações do CIGA existem em Irará quatro comunidades de quilombos: Crioulo, Olaria, Mocambinho e Tapera. Vale salientar que, Crioulo, Olaria e Tapera fazem parte do próprio município de Irará; Tapera está localizada a sete quilômetros de distância do distrito-sede, ao sudeste de Irará. Olaria fica centrada na região da Serra de Irará, ao noroeste. Já Mocambinho, atualmente, faz parte do município de Santanópolis.

Ao noroeste do município de Irará, distante a cinco quilômetros do distrito - sede, entre as terras cortadas pelas serras do Urubu e do Periquito, encontra-se a comunidade da Olaria, em torno dessa rodovia que liga o município de Irará aos municípios de Santanópolis e Feira de Santana. Vale ressaltar, que para se chegar até esse lugar, percorre-se a BA 504, a única estrada que permite o acesso à região.

À região remanescente de quilombo da Olaria, foi fundada no século XIX, por ex-escravos que saíram do cativo e passaram a ocupar as terras da Serra de Irará. No decorrer do percurso histórico, a comunidade foi recebendo denominações novas. Estas são novas nomenclaturas que são utilizadas para designar a região que foi fundada, antes da lei Aura, as quais correspondem às seguintes comunidades: Olaria, Mangueira, Periquito e Urubu.

As pessoas que residem na comunidade da Olaria lidam com um processo de reconstrução identitária típica das

comunidades quilombolas, pois existe uma afirmação delas, enquanto grupos que promovem um diferencial dos 'outros', o que implica a construção de discursos de auto-afirmação étnica, que se baseiam no passado vinculado à escravidão. Nos depoimentos, as pessoas se identificam como negros e descendentes de escravos. Assim, rememoram com nitidez pai e mãe, avô e avó, bem como traçam com facilidade suas genealogias até o cativo. Produzem, assim, uma representação sobre a escravidão destacando o papel central da família escrava.

Essa região tem uma população formada por homens, mulheres, crianças e velhos, tem as suas bases comandadas pelo lado feminino, pois os homens saem do seu convívio familiar para trabalhar em terras distantes do seu local de moradia, na maioria das vezes, vão trabalhar em outras propriedades rurais da vizinhança. Nesse caso, a produção agrícola da comunidade vem das terras que não pertencem aos quilombolas, mas é nela que o homem trabalha, recebendo pequenos salários, do valor de sete reis pelo dia trabalhado. Esse trabalho é conhecido na localidade como a tarefa de ganhar dia, uma vez que os homens, em geral, não têm a quem vender o dia, perdem o dia sem trabalhar e, portanto, não ganham nenhum dinheiro. Essa é uma das comunidades rurais mais pobres do município de Irará.

Essa é considerada uma comunidade numerosa, com aproximadamente quinhentas pessoas. Existem 150 casas e 200 famílias, sendo que muitas delas moram sobre o mesmo teto. Existe um riacho que alimenta a comunidade com a sua água, seja para beber ou para o trabalho - o barro que ainda existe, a matéria-prima para a cerâmica, é extraído da sua margem. Isso pode ser um fator que ajuda na invisibilidade da sociedade em relação à comunidade quilombola. Não existem políticas públicas eficientes que contribuam para o bem-estar das comunidades de uma maneira geral. Essas pessoas também são vítimas de um racismo velado na sociedade local, fruto de todo um processo histórico.

Dentro da comunidade não existe um posto de saúde. Existe apenas uma escola (Escola Municipal Ana Souza) e uma casa de farinha comunitária. Ambas têm grande serventia a todos os moradores, pois é nesse espaço que as pessoas fazem reuniões, da associação dos moradores. A população é predominantemente católica e o padroeiro da localidade é São Cosme e São Damião. Existe uma igreja bastante simples onde ocorrem os cultos religiosos e reuniões. Segundo os moradores, essa igreja foi construída em 1998 e os moradores escolheram o santo protetor do local, através de uma votação. Grande parte dos moradores dessa região já era devota de São Cosme e por isso este foi escolhido, uma vez que nas residências já era muito cultuado.

Além de fazer rezas para São Cosme, as pessoas dessa comunidade também são devotas de outros santos. Todas as casas têm muitos quadros de santos nas paredes, têm muitas festas religiosas e as pessoas têm o hábito de 'se benzer' antes de sair de casa, além da comunidade ter um amor muito grande pelas raízes culturais dos seus antepassados. Hoje em dia, os atuais moradores dessa região não possuem títulos de terra. O acesso a terra satisfaz aos princípios do parentesco, ou seja, ocorre através da descendência, filiação ou da aliança matrimonial. Assim, aparece um sistema de terras de herança,

comungado com terras de parentes. A comunidade é formada por esse território que é parcelado por pequenas propriedades, onde existem uma casa e poucos metros de terras, que são utilizados para plantar produtos agrícolas e criar animais. Essa questão é consequência da especulação imobiliária, a ambição dos fazendeiros circunvizinhos, que com a falta de documentação legal por parte de seus legítimos donos foram ocupando a região e instalando propriedades privadas e bloqueadas do uso coletivo. Nesse caso, o problema mais grave de todos, nessa região, é que a terra que não perspectiva de ser identificado de forma coletiva para se ter o reconhecimento legal.

As atividades econômicas praticadas na comunidade são a agricultura e criação de animais, sendo estas destinadas a subsistência das famílias. A grande maioria dessas atividades é realizada em terrenos individuais, situados nas proximidades das residências. Os principais produtos cultivados são: milho, feijão e mandioca. As mulheres que residem nessa comunidade denunciam que tiveram uma história social demarcada por conflitos e exploração, o que gerou uma condição de pobreza e vulnerabilidade social. A partir dessas questões apontadas esta pesquisa perseguiu seguintes objetivos: analisar o cotidiano das mulheres da comunidade da Olaria e perceber como se processam as relações de identidade, gênero e possibilidades de empoderamento na dinâmica social local; pesquisar, a partir dos depoimentos orais, como as relações sociais de gênero são estabelecidas nesta comunidade; investigar como as mulheres constroem sua identidade através das relações estabelecidas em torno das questões de poder; investigar como as próprias mulheres vivenciam o processo de empoderamento e quais as estratégias que propiciam maior empoderamento dessas mulheres por meio da produção de cerâmica; compreender como ocorre a os mecanismos de dominação local, nas relações de gênero.

Escolha do Método

Para desenvolver esse estudo, utilizei a pesquisa etnográfica, com a abordagem metodológica qualitativa, que segundo Minayo:

trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variável (MINAYO, 1995, p. 22).

Esta, visa possibilitar investigações que apreendem as subjetividades, os significados, as representações das pessoas e dos grupos. Escolhi o método etnográfico de pesquisa, uma vez que adentrei no universo da comunidade investigada para compreender melhor o seu cotidiano voltado para suas dinâmicas socioeconômicas. Amparei-me na produção dialógica do método etnográfico, sobretudo na perspectiva de Paulo Freire, que pensa o diálogo entre os sujeitos envolvidos na pesquisa com um passo importante na articulação das esferas que mesclam os saberes das ciências com os conteúdos que estão relacionados com a existência dos sujeitos, na condição

de seres produtores e transformadores da história. Portanto, durante o período em que estive na comunidade da Olaria observei a sociabilidade das mulheres investigadas e como estas estão articuladas em torno da produção de cerâmica. No campo, contei com a técnica entrevistas não direcionada que se fundamentou na etnografia através da observação.

A metodologia seguiu os seguintes passos: a) desenvolvimento das técnicas de produção de registros em formato de diário de campo, onde foram recolhidos dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo desenvolver uma ideia sobre a maneira como as mulheres rurais da comunidade da Olaria interpretam sua condição de trabalhadoras neste processo de produção de cerâmica; b) na etnografia observei as relações de trabalho, com a família e com a comunidade, essas mulheres estão buscando criar condições concretas de inclusão social; c) utilizei a técnica da avaliação que oferece informações que abordam singularidades, sob a conformação de duas grandes dimensões, que é dada pela relação entre a teoria e a prática na busca da sua interação dialética, o que significa trabalhar na perspectiva da práxis, tendo os pressupostos teórico-conceituais que serviram para a explicitação do conceito de gênero; d) durante o trabalho de campo coletei imagens que enfocaram o perfil do espaço investigado e o perfil socioeconômico das mulheres investigadas, destacando os seguintes aspectos: trabalho, cotidiano, condições de higiene e saúde, participação política, educação, dentre outros.

Essa prática metodológica possibilitou-me uma visão ampliada da compreensão da realidade e das necessidades coletivamente articuladas na comunidade da Olaria. Assim sendo, procurei identificar e abranger os processos de inclusão social construídos por mulheres da comunidade rural da região, a fim de reconhecer as potencialidades dos moradores da região, como sujeitos que constroem sua história, possuem uma cultura singular e vivem em uma sociedade contraditória.

Produção de Cerâmica na Comunidade de Olaria

Dentre os diversos fatores que particularizam essa região, dentre as outras comunidades rurais de Iará, o trabalho de produção de cerâmicas utilitárias se destaca como uma marca original. A produção de cerâmica é uma questão bem específica dessa região, uma vez que a economia do município está fundamentada na agricultura, sobretudo, para os seguintes cultivos: mandioca, milho, feijão e fumo. A produção agrícola é quase inexistente, nessa região, as pessoas não possuem terras para plantar, embora grande parte delas trabalhe na área agrícola.

Os sujeitos que moram nessas comunidades têm um domínio empírico e teórico de fabricação de objetos de barro, dispondo de conhecimentos precisos, sobre a estruturação das peças e tempo de queima. Esse povo guarda o saber de fabricar objetos de barro, não o tenho passado para outros povos essa técnica, sobretudo porque a ideia de fabricar objeto de barro está muito associada aos grupos de quilombos. Assim, como afirma Elza Santos:

“Aqui em Iará só a gente sabe fazer panela de barro. O povo

diz que fazer cerâmica é coisa de nego, por isso que ninguém quer fazer. Até o povo daqui já não quer mais fazer. O povo mais velho que fazia, mas agora o povo mais jovem não quer se sujar fazendo panela, não! E também, a panela sai muito barata. O povo não dá valor e por isso não paga o preço merecido. As pessoas que fazem não tem como vender. Tem dias de sábados que as mulheres daqui que ainda fazem, leva para feira de Iará para vender... Tem ocasião que não vende nada. Sempre aparece esse povo de fora que vem e compra os montes de panela por mixaria. Assim, o povo daqui fica no prejuízo. Mas se um dia tivesse uma cooperativa aqui todo mundo ia fazer panela de novo, até eu.”

A tradição de fazer objetos de cerâmica é uma prática desenvolvida entre famílias da comunidade da Olaria, essa técnica é passada de geração em geração como um saber dominado por mulheres. Tanto é assim, que é comum encontrar louceiras que aprenderam a fazer utensílios de barro com a mãe. Poucas mencionam que aprenderam a arte com alguém de fora da família. Constatam-se, desse exemplo, mulheres que aprenderam a modelar o barro com a sogra. Dessa forma, o aprendizado volta-se para as noras, já que os homens não fazem cerâmica. Esse conhecimento vem da herança genealógica e do convívio com a parentela. Nesse processo de demarcação da técnica de modelar o barro, também se processa a demarcação do território da resistência cultural. A produção de cerâmica é desenvolvida entre famílias que possuem a prática de torrear o barro e fazer objetos que são vendidos na feira livre local.

O contexto de fabricação de cerâmica pode ser uma direção para a compreensão de estratégias sutis de resistência, que se expressariam através da manutenção de traços étnicos em suportes de uso cotidiano. Só os negros que moram na Serra de Iará fazem objetos de cerâmica no município. Esse saber é dominado por famílias que vivem num processo de resistência cultural que se consolidou na região, juntamente com a formação da comunidade. Os ceramistas da Olaria consideram que são, na sua maior parte, descendentes de escravos negros e mantêm uma tradição de produção da cerâmica que vem sendo passada de geração em geração.

O trabalho com a cerâmica foi introduzido com a comunidade da Olaria com a perspectiva de resistência ao trabalho escravo. Os negros que fugiam da escravidão ou os que após a libertação não aceitaram ficar nas fazendas dos antigos donos, migraram para a região norte do município de Iará, a fim de ocupar aquelas terras pedregosas. Essa região é rica em minério, sobretudo o barro, dessa forma, a produção de cerâmica na Serra de Iará se consolidou como um dos pontos da base da identidade do grupo de quilombolas. Percebe-se, uma demarcação de identidade como uma construção coletiva e da cultura material. Admitindo um conceito de identidade não estático, a adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais pode ser vista como uma maneira pela qual as identidades são reformuladas.

A produção de cerâmica caracteriza a identificação das pessoas que residem na comunidade da Olaria. A fabricação de utensílios de barro (potes, jarro, moringa, tigelas, panelas, garrafas, copos, etc.) faz desse povo um grupo especial

dentro do contexto regional. Essa comunidade é vista como exótica, pois chama a atenção dos outros pelo fato de ser a única do município de Irará que executa o referido trabalho. Fazer objeto de cerâmica tornou-se uma produção ligada aos modos de vida da população, sobretudo a cerâmica utilitária. Ela faz parte do cozinhar cotidiano e, por isso, tem um valor de uso importante, além do valor social já que os 'outros' reconhecem os moradores desse espaço especialmente por essa prática. Avançando cronologicamente na História dessa comunidade, no contexto da produção de cerâmica, é possível ainda encontrar relatos de relações de alteridade entre os próprios nativos.

Dentro do contexto social mais amplo, os moradores da comunidade da Olaria também se reconhecem e são reconhecidos através da produção de cerâmica. Essa cultura é direcionada aos quilombolas na construção do outro, sobretudo da 'alteridade de fora', isto é, o que é distante, ou exótico em relação a uma determinada cultura. Nesse caso, estabelece-se a identidade das comunidades quilombolas dentro do município de Irará. Por outro lado, também ocorre a questão da 'alteridade de dentro', a qual legitima diferenças dentro de um mesmo conjunto social. Nesse caso, pode-se confirmar que a produção de cerâmica demarca relações dentro da comunidade, as quais se configuram nas relações de identidades dentro do próprio grupo, como: de gênero (na relação homem e mulher) e da identificação de famílias. Pode-se considerar que essa produção econômica demarca profundamente a identidade das pessoas que residem na região. Ou seja, em torno da fabricação de cerâmica, cada sujeito se completa e se efetiva

num relacionamento que envolve os outros que estão a sua volta.

O trabalho artesanal é desenvolvido na estrutura familiar, baixa organização empresarial, utilizando geralmente tecnologia de produção simples. Essa prática de modelar o barro, na região pesquisada, ganha diferentes formas que são utilizadas nas variadas utilidades domésticas dos moradores do lugar e de outras comunidades, sobretudo as comunidades rurais do município de Irará.

A cerâmica produzida na comunidade da Olaria pode ser subdividida em três ramos: potes, panelas e afins. Centrou-se o foco dessa discussão na cerâmica utilitária (objetos domésticos), uma vez que a produção é exercida por mulheres. As ceramistas mais velhas da comunidade contam que, no passado, as meninas logo substituíam as brincadeiras com as bonecas, as panelinhas e o fogão pelos serviços domésticos, porque desde bem novas aprendiam a ser responsáveis para com os cuidados da casa, realizando tarefas como cozinhar, lavar roupas e vasilhas, cuidar dos irmãos menores, manterem limpos o quintal e as dependências internas da casa. Dessa forma, também aprendiam a torrear o barro logo cedo.

FIGURA 1. Os principais produtos fabricados nessa região.



FONTE: Autor.

A produção local forma objetos que recebem as seguintes denominações: aribé ou tacho, peça usada no preparo de comidas para festas; caboré, uma espécie de jarro usado para servir líquidos; caqueiro, vaso para planta; cuscuzeiro é uma vasilha utilizada para o cozimento do cuscuz; engana-gato, uma espécie de frigideira cuja tampa se encaixa na borda da panela, o que impede que os gatos a empurrem com a pata; fogareiro, geralmente com cerca de 50 cm de altura; frigideira, uma panela rasa para cozer alimentos (quando possui tampa é denominada frigideira de testo); moringa; panela- com ou sem tampa em variadas dimensões; porrão, pote de grandes dimensões, com cerca de um metro de altura, utilizado para a guarda de água. Todas as peças são manuais, feitas de argila. As peças coloridas são confeccionadas com tauá vermelho e tauá

branco, que são tipos de argilas.

Os nativos contam que o conhecimento da produção de cerâmica é passado dentro da própria família, que especialmente no passado, as crianças do lugar aprendiam a fazer brinquedos de barro, ao invés de comprarem bonecos e panelinhas de plástico nas lojas. Geralmente, os mais velhos são os mestres, que repassam esse conhecimento para o grupo e o grupo partilha entre si. Dessa forma, a fabricação de objetos de barro não se consolida numa atividade puramente individual, quer dizer, ela é realizada individualmente, mas a técnica e o saber fazer são compartilhados pelo grupo. Essa é uma característica importante quando o artesão começa a se distanciar da produção que é coletiva, compartilhada e passa a ter uma identidade própria, uma especificidade.

FIGURA 2. Ceramista que tem mais de 70 anos.



FONTE: Autor.

Nos dias atuais, a fabricação de objetos de cerâmica da comunidade da Olaria é voltada para a geração de trabalho e renda, centrando o foco nas determinações de sua existência social como produção, distribuição e comercialização. As pessoas dessa comunidade articulam práticas econômicas voltadas para a agricultura de subsistência, criam galinhas e porcos, além de fabricarem a cerâmica, que é vendida na feira local.

A matéria-prima o barro é obtida em áreas próximas, em região de serra. A retirada e o transporte, em sacos nas costas ou em lombo de burro, são de modo geral tarefas que cabem aos homens, embora muitas mulheres também delas se ocupem.

As pessoas fazem os objetos de cerâmica através de técnicas tradicionais, nas quais não se aplica nenhum mecanismo de industrialização. Assim, o barro é preparado em sucessivas etapas. O barro seco, antes de ser armazenado e molhado, é quebrado em pequenos pedaços. Primeiro, é socado (pisar

o barro) com o auxílio de uma mão de pilão, em seguida, é peneirado, acrescenta-se água e o barro é amassado e re-amassado até aprontar a pasta. Um passo essencial, nesse processo, consiste em despinicar, isto é, tirar as impurezas. Muitas vezes, é necessário misturar barros diversos para se obter uma boa liga. Esse produto consiste em uma pasta homogênea com um conteúdo predefinido de água. Dessa maneira, garante-se a qualidade do barro e da própria peça a ser trabalhada. A ruma é uma quantidade de barro usada para fazer os objetos esquetizados.

FIGURA 3. Mulher fazendo cerâmica.



FONTE: Autor.

O trabalho é iniciado a partir do bolo de barro que vai sendo puxado - levantando o corpo da peça. A tarefa é executada com as mãos e com o auxílio de instrumentos rudimentares, como a taco de cuiá (cuité) e o taco de tábuá, também chamado puxador. As formas finais das peças são sempre arredondadas, gordas, com desenho limpo e funcional.

Em seguida, a louceira molha toda a peça com a mão e alisa o barro para que ele fique plano, dando assim o acabamento e retirando, por exemplo, os buracos que porventura fiquem no corpo da peça. Depois da secagem, as mulheres pintam os objetos com tauá vermelho, o qual é apanhado na beira das lagoas. O tauá é colocado em uma panela com água até que se forme uma calda grossa. Após secar parcialmente ao sol, a peça é raspada (cortada) com uma fasquia de metal (geralmente um pedaço metálico de arco de barril). Depois de alisada, é recoberta com tauá e posta novamente a secar. A

seguir, dá-se o polimento com um seixo e coloca-se para secar novamente. Só após polir (brunir) e secar ao sol mais uma vez, é que é levada para queimar no forno a lenha por cerca de duas horas. Depois de submetida a uma secagem lenta, à sombra, para retirar a maior parte da água, a peça moldada é submetida a altas temperaturas que lhe atribuem rigidez e resistência mediante à fusão de certos componentes da massa, fixando os esmaltes das superfícies. Portanto, somente com a finalização de todo o processo, é executada a queima.

FIGURA 4. Processo de fabricação das peças.



FONTE: Autor.

Antes, porém, quando os objetos preparados, eles são postos para secar à sombra, de modo que não venham a rachar, caso fosse colocados imediatamente sob o sol. Em seguida, a peça vai para a queima. Durante o início da queima, é preciso abafar o forno para que ocorra um processo que faz com que os pigmentos de ferro presentes na argila adquiram uma coloração escura, escurecendo a peça. Os nativos argumentam que esse processo é necessário, pois à medida que a temperatura se eleva e caso ocorra uma entrada de ar durante a queima, os objetos não obterão a finalização adequada, uma vez que a cor final é proporcionada dessa forma. Ao contrário, a peça fica amarelada e frágil, imprópria para o uso.

A mulher interfere na queima, realizando pequenas tarefas, mas o controle do trabalho é masculino. Os homens colocam os objetos de cerâmica dentro de fornos movidos à

lenha, que são usados para queimar os objetos de barro. Esses fornos têm uma estrutura fixa no local e também são feitos pelos homens. Todo o processo da queima é dirigido pelos homens, exceto o cuidado com o fogo. A mulher permanece no local fiscalizando o forno, para que esse não se apague. Esse hábito reproduz o cotidiano feminino que se volta para o cozimento de alimentos. Na cozinha, a mulher acende o fogo do fogão à lenha e cuida para que ele não se apague. Na fabricação da cerâmica, o fogo tem o mesmo sentido que tem nos lares. Ele pertence às mulheres, que têm o cuidado de fiscalizarem o forno para prepararem refeições. A mulher virtuosa não permite que o fogo apague e um bom desempenho no cozimento dos alimentos.

FIGURA 5. Processo da queima das peças de cerâmica.



FONTE: Autor.

Os nativos compreendem que fazer fogo já foi virtude doméstica relacionada aos saberes singelos da mulher. Portanto, nessa comunidade, a tarefa de acender o fogo, tanto do forno da cerâmica como o do fogão de lenha, é visto como uma prenda doméstica preciosa, somente executada por crianças e mulheres. Em todas as residências há um fogão à lenha legitimado como objeto da mulher.

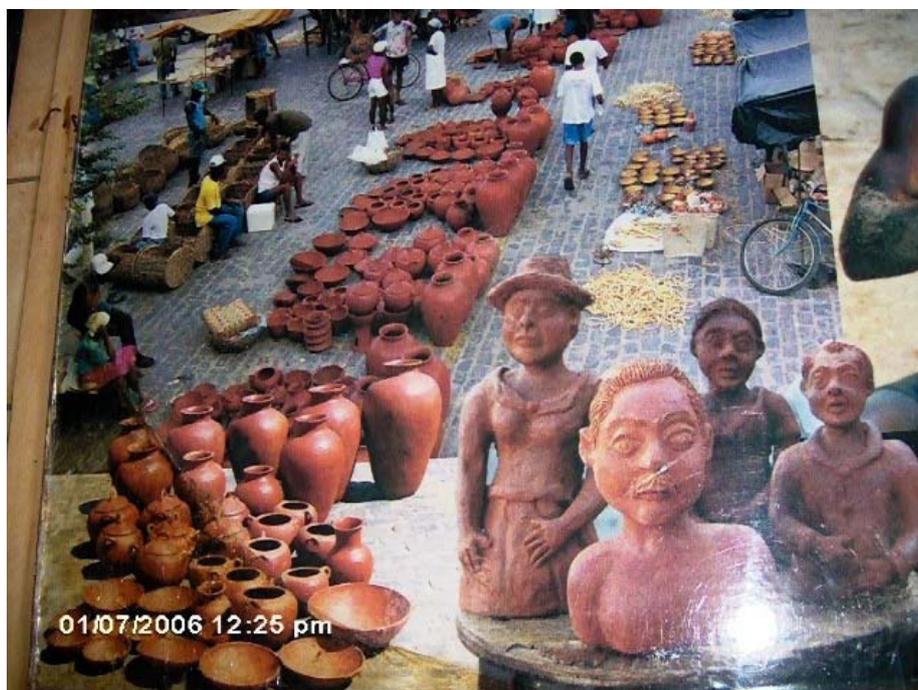
O processo da queima da cerâmica, às vezes, pode durar uma tarde inteira. Nessa região, é comum queimar cerâmica durante às tardes de quintas-feiras. Esse processo é bem lento no seu início para que não haja risco de as peças racharem ou empenarem, em face de grande quantidade de água existente na argila. Durante o processo da queima, os homens, quando estão acompanhados de outros, ficam conversando entre si, enquanto as mulheres dividem conversas com outras mulheres. Homens e mulheres só ficam juntos quando estão entre os membros da família. Mesmo fiscalizando os fornos, as mulheres permanecem fazendo objetos de cerâmica. Entre a fabricação de uma peça e outra, essas saem para olhar se o forno está acesso. Mesmo o homem estando perto da queima, ele não faz essa tarefa, pois tal prática é vista como tarefa feminina.

O material produzido pelas louceiras destina-se

tanto para a venda como para a troca, sendo que a primeira possibilidade é mais marcante no circuito da mercadoria. Nesse contexto, é interessante verificar como se articulam a monetarização e a não-monetarização da atividade. Quando ainda é madrugada na comunidade da Olaria e os raios do sol começam o despontar no horizonte sinalizando com as luzes o amanhecer, as pessoas levantam-se e vão arrumar o seu lugar na feira livre que ocorre aos dias de sábado na Praça da Purificação dos Campos. A feira tem lugares cheios de sons, movimentados e diversos. Talvez, por isso, chame a atenção numa primeira análise. O colorido das frutas e legumes nas barracas iluminadas pela luz do sol filtrada através dos toldos proporciona um visual muito bonito. Em alguns lugares, o sol passa direto pelas frestas e espaços entre as barracas criando uma luz incrível. Porém, dentro desse universo destaca-se a produção de cerâmica dos sujeitos investigados.

Os quilombolas ocupam lugares que são identificados com facilidade, pois essas pessoas não vendem em barracas, como outros sujeitos. Esses, estendem no meio da feira livre pedaços de lonas e esteiras para vendem os seus produtos, tais como: mangalô, pimenta, maturi, balaio, caçuás, objetos de cerâmicas, dentre eles: panelas de barro, potes de barro, engana gato, entre outros.

FIGURA 6. Quilombolas na feira livre vendendo objetos de cerâmica.



FONTE: Autor.

Aos sábados, em Irará, logo cedo, o cenário central dos sítios urbanos começa a ser adornado e montado com as múltiplas estruturas e funções que possibilitarão mais uma semana de realização da feira livre. A protagonização desse episódio se dá por meio de vários atores sociais que são emanados dos mais longínquos recônditos espaciais até os mais próximos, dentre eles, os quilombolas da comunidade da Olaria. A cidade é completamente invadida por pessoas que saem de cidades vizinhas e da zona rural para o centro urbano. Esse espaço torna-se totalmente colorido, por uma multiplicidade de pessoas e de objetos que são expostos na feira. No colorido da feira livre aparecem com grande intensidade, os objetos de cerâmica que são produzidos na comunidade investigada.

Na feira livre, os ceramistas tecem relações comerciais e sociais com outros sujeitos. Por meio dessas socializações, os atores sociais que fabricam cerâmicas adentram no espaço da feira e, simultaneamente, apropriam-se deste, imprimindo usos e significados. Ao se apropriarem dos espaços, os sujeitos sociais constroem os territórios imbuídos de relações de poder. Essa apropriação acontece de forma simbólica e concreta, e pode ser individual ou coletiva, sendo dimensionada por várias operações humanas. Dessa forma, os ceramistas demarcaram um espaço específico na feira de Irará. Na feira, os ceramistas também compram os produtos que são consumidos pelas famílias.

Em sua amplitude, a feira abastece a toda a região

rural do município de Irará, como também a urbana. Nesse evento, encontram-se diferentes gêneros, como: hortaliças, peixes, suínos, aves, doces, artesanatos, alimentos, roupas, sapatos, cerâmicas, chapéus de palha, etc. Há também prestação de serviços como bares e restaurantes improvisados, que vendem: carne de fumeiro suína, beiju (o melhor que já se proveu), jaca e maturi (quando da época). Nesse espaço, os produtores de cerâmica tecem redes de sociabilidades que são articuladas com outros sujeitos que não fazem parte da comunidade. Dessa maneira, as pessoas envolvem-se com outras, trilhando as veredas dos comércios de rua, trocam conversas, saberes, fazeres, dizeres, brincadeiras, risos, jocosidades, táticas, estratégias, astúcias, experiências, enfim, tecem suas artes de comprar, vender e permutar, realizando assim a feira, ao mesmo tempo em que tecem as relações sociais e comerciais. Assim, a feira livre de Irará se expõe, temporalmente, num ritmo cíclico, com começo e término, que se repetem sucessivamente em consonância com a vivência dos ceramistas locais.

Para os moradores da área rural da comunidade da Olaria, o dia de sábado na feira é um verdadeiro dia de festa. Na feira livre essas pessoas não vão apenas trabalhar, na verdade, os sujeitos saem de suas comunidades para se envolverem com outras pessoas. Nesse dia, os quilombolas usam roupas novas, sobretudo as melhores roupas, vão ao barbeiro, ao banco, fazem compras, realizarem todos os serviços disponíveis na cidade, alterando a rotina, ao mesmo vão para encontrar

amigos e familiares que moram distantes.

A partir do exposto, considera-se que, com a quebra da transmissão do saber de produzir cerâmicas, as pessoas têm prejudicado os seus vínculos comunitários em torno do trabalho, embora recriem laços solidários constantemente e, nesse sentido, consta-se da recriação/reconstrução da própria identidade étnica. É no processo de confecção das peças que as ceramistas demonstram toda sua habilidade, e manifestam de forma clara um estilo relacionado à pertença em comum, na medida em que, através dessa arte, reafirmam sua herança cultural e contribuem para a revitalização de sua identidade étnica.

Apesar da tradição, considera-se que são poucas as mulheres que fazem cerâmica no local, dentre as quais destacam: Didi, Nem, Nenga, Lita, Dôli, Fia, Dinha, Damiana, Edelize, Bel, Jucilene, entre tantas outras louceiras de Irará. Atualmente, nas comunidades rurais da Serra, costuma ser tarefa da mulher limpar a casa e o terreiro, buscar a lenha, fazer o fogo; em muitos casos, busca também a água e cuida do quintal. De modo geral, só quando a mulher está doente o homem costuma 'ajudá-la' em algumas tarefas da casa. Como em todas as regiões, rurais ou urbanas, onde gênero é uma metáfora forte para designar sexo, o ponto central da casa na Serra a qual cozinha e está sob o "comando" das mulheres.

Durante o período em que se esteve no campo, foi possível observar, por meio da produção de cerâmica, como as comunidades revelaram na educação familiar as distinções de papéis, lugares e espaços determinados pelas relações de gênero. Compreende-se que a divisão de espaços e lugares masculinos e femininos é construída e instituída social e culturalmente por meio da tradição de fazer objetos de cerâmica.

A partir desta posição, observa-se claramente o que é trabalho de homem e o que é trabalho de mulher, o que possibilitou uma avaliação de como as divisões sexual e social do trabalho, culturalmente instituídas, pode ser modificadas.

Na tradição local, legitima-se a casa como o espaço feminino, pelo fato de a fabricação de objetos de cerâmica estar vinculado ao espaço doméstico. Mesmo sendo desenvolvida pela amplitude do grupo social, que é a família, a produção de cerâmica é vista na Serra de Irará como uma das alternativas de sobrevivência desenvolvidas majoritariamente por mulheres. O ganho obtido pelas mulheres com o artesanato chega a ser maior do que o obtido pelos homens. Relatos indicam que o aumento da renda possibilitou às mulheres reverem sua inserção no tecido social e as formas de relacionamento intra-familiar, uma vez que assumiram uma posição economicamente ativa no meio da família. Pode-se pontuar que a produção de cerâmica promove uma espécie de poderio feminino numa sociedade tradicionalmente dominada pelos homens.

Notam-se poucos homens produzindo cerâmica, posto que geralmente, os homens dessa comunidade migram para trabalhar em outros setores. Somente se conseguiu identificar um homem no processo de fabricação de objetos de cerâmica, o qual faz bichos de cerâmica para jardins. Ele conta que se voltou para a produção porque as pessoas de fora da comunidade passaram a procurarem os objetos citados. Como as mulheres já estavam inseridas no processo de fabricação de objetos utilitários, ele resolveu se dedicar à confecção de sapos de barro.

FIGURA 7. Homem fazendo objetos de cerâmica.



FONTE: Autor.

Esse caso pode sinalizar indícios de mudanças que estariam sendo articuladas no âmbito da produção, sobretudo devido a influência de uma nova especulação de mercado, cuja demanda é externa à comunidade. Mesmo encontrando um homem fazendo cerâmica no local pode-se dizer que essa atividade faz parte do cotidiano de mulheres que moram por ali, especialmente nas comunidades de Açougue Velho, Mangueira e Periquito. Nas demais comunidades, a fabricação de cerâmica tornou-se uma prática das avós, ou seja, foi feita no passado, e os mais novos não deram continuidade à tradição. Muitos migraram e outros que ficaram não tiveram condição de desenvolver a prática da fabricação de cerâmica por conta da falta de matéria-prima, a saber: lenha e barro. Isto porque a comunidade sofrera a invasão e a demarcação de terras particulares e, conseqüentemente, os barreiros e bosques que eram coletivos passaram a ser privados. Dessa forma, o saber de fazer objetos de barro foi morrendo aos poucos, por conta das novas dificuldades.

Considerações Finais

Observa-se, que as mulheres que residem na comunidade da Olaria estão envolvidas em relações sociais que dão conta da organização comunitária, da resistência cultural e das lutas pela posse definitiva das terras do quilombo. Também se identifica que elas como enfrentam a discriminação por raça e gênero. Nota-se, que estas mulheres se envolvem nas relações internas da comunidade, as quais são marcadas pela reciprocidade do parentesco, e de relações de solidariedade.

A vivência de relações de solidariedade é fundamental para a construção da identidade étnica do grupo. As trajetórias das mulheres da Olaria denunciam as marcas de gênero, étnica, histórica, cultural, territorial, bem como elementos de cada subjetividade, de cada trilha de vida. A marca de gênero expressa-se no trabalho com a cerâmica, no cuidar das filhas, para garantir o afeto, o acompanhamento, como sendo uma tarefa 'naturalmente' definida como feminina. Nota-se, que espaço da casa, do privado foi instituído como 'lugar de mulher', é lá onde ela é a dona, a chefe, onde organiza, determina.

Vale ressaltar que, a categoria de gênero tem sido um dos principais elementos articuladores das relações sociais, esta nos permite entender como os sujeitos sociais estão sendo constituídos cotidianamente por um conjunto de significados impregnados de símbolos culturais, conceitos normativos, institucionalidades e subjetividades sexuadas que atribuem a homens e mulheres um lugar diferenciado no mundo, sendo essa diferença atravessada por relações de poder que conferem ao homem, historicamente, uma posição dominante. Estes debates teóricos e políticos que trazem a categoria de gênero com o ponto principal da abordagem conduziram a refletir sobre a possibilidade de realização dessas leituras no entorno da trama social da comunidade da Olaria. Isso permitiu repensar a cultura, a linguagem, os meios de comunicação social, as instituições como a família ou a religião, os processos políticos como os movimentos sociais ou partidos políticos, nessa comunidade.

A categoria de gênero é determinante as relações

que construídas em torno do trabalho na comunidade Olaria. Lá existe trabalho de mulher e trabalho de homem, sendo que as mulheres fazem cerâmicas e ajudam no plantio e na colheita das lavouras, cuidam das atividades domésticas e procuram complementar a renda familiar dedicando-se a ocupações artesanais, como: tecer linha, fazer objetos de barro. Da mesma forma, o estar em casa e o estar fora dela apontam o lugar de homem como sendo a roça. Essa definição de lugares vai bem mais além do que a indicação física: envolvem atitudes, posições, comportamentos. Outra ceramista considerava que era simples a razão de os homens não produzirem potes: era 'feio'. Feio no sentido de vergonha, pois o pote era coisa de mulher. A tradição local determina que o homem que fica em casa sem executar serviços pesados (cortar lenha, capinar a terra, limpar pastagens, etc.), torna-se um homem preguiçoso, um verdadeiro mofino.

É possível observar hoje que muitos homens e mulheres da comunidade da Olaria já romperam com algumas práticas culturais existentes, baseadas em diferenças consideradas como naturais e passaram a participar de um modo mais igualitário, em diversas atividades da produção de objetos de cerâmicas. Essa experiência nos possibilita ver que, mesmo nessa comunidade, onde as fronteiras de gênero parecem tão rigidamente separadas, há plasticidade. As pessoas se movimentam entre categorizações masculinizantes e femininizantes, muito embora o homem tenha sempre que usar as mais variadas estratégias para provar que é homem. Contudo, como mostra Strathern (1988), o fato de que tanto os homens quanto as mulheres participem nas atividades políticas e domésticas não é negar a própria categorização de gênero, é 'realocar o seu foco'.

Nessa comunidade, as condições de trabalho são dominadas pela cultura produzida pela mulher. Mesmo assim, essas mulheres sofrem subordinação diante dos homens e à categoria de gênero estabelece novas hierarquias que interferem diretamente na dinâmica social do trabalho. Assim, pode constatar também, que muito embora certos comportamentos, certos acontecimentos, possam ser vistos como neutros em gênero, os sinais deixados pela ação de gênero se espalham por todos os níveis do social para além do corpo, como nas relações de trabalho. Percebi que outros símbolos, para além do simbolismo de gênero não podem ser visto sem uma apreciação do lugar que lhe é específico em um sistema de significados mais abrangente e, como qualquer outro simbolismo, é investido de significados pela sociedade que o produz.

A busca da renda doméstica através de potes e panelas se faz a partir da mulher e é vista como um complemento da renda familiar. Essa questão se configura numa noção de demarcação do poder masculino, pois se a renda feminina é vista como secundária, quem chefia o lar é o homem, o provedor do sustento de todos. Mesmo diante do comando dos machos, as mulheres da comunidade desenvolvem a produção de cerâmica como uma estratégia do poderio feminino. Algumas louceiras alegaram que fazer objeto de barro representa uma independência dos homens, pois é muito desagradável solicitar dinheiro a eles para comprar os objetos pessoais, como: roupas, calçados, calcinhas, dentre outros.

Dessa forma, pode-se considerar que essa arte não

se sustenta sozinha, ela reflete todo um conjunto de valores e tradições parentais que são identificados através de formatos de objetos que possuem marcas específicas a construção social e cultural das relações de gênero. Ou seja, os corpos de homens e mulheres portarem diferenças — ou mesmo se é necessário considerar ou não a diferença biológica que existe entre homem e mulher — mas sim o fato de que certas circunstâncias políticas, sociais, econômicas e culturais criam discursos de corpos hierarquicamente construídos. Dentro desta expectativa de criação da discussão de gênero, os nativos também se reconhecem como família, na fabricação de cerâmica, identifica-se a família que está por trás da produção. Dessa forma, os parentes que fazem cerâmica juntos têm um mesmo estilo de arrumar o barro. Assim sendo, depois dos objetos prontos cada um identifica qual é o da sua pertença. Ou seja, a categoria de gênero não se refere apenas aos corpos de homens e mulheres, mas ao arranjo convencional dos relacionamentos entre eles; esses arranjos, por sua vez, adquirem na ação novos valores funcionais, novas avaliações práticas, sempre assimilando algum conteúdo empírico novo. Na produção de cerâmica que transmitida por mulheres e pela ação feminina tem incorporado valores de masculinidade e presença de homens sem deixar de remeter às diferenças de gênero. Por mais que possam parecer uns com os outros, os nativos sabem quem fez cada objeto por conta das marcas que são instituídas na fabricação, as quais estão relacionadas com o aprendizado familiar que é passado de geração em geração.

Notas

- 1 IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- 2 NOGUEIRA, Aristeu. Histórico do Município de Ipirá. Prefeitura Municipal de Ipirá, 1988.
- 3 Para Abramovay a agricultura familiar não emprega trabalhadores permanentes, podendo, porém, contar com até cinco empregados temporários. Agricultura patronal pode contar com empregados permanentes e/ou temporários. ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura, Diferenciação Social e Desempenho Econômico. Projeto IPEA-NEAD/MDA – Banco Mundial, São Paulo, FEA-USP, 2000. p 3.
- 4 ANJOS, Rafael Sanzio dos. Projeto mapeamento dos remanescentes de quilombos no Brasil - sistematização dos dados e mapeamento-Relatório Técnico, Fundação Palmares, Brasília, 1997.
- 5 Fundação Cultural Palmares (FCP), do Ministério da Cultura. Projeto de Melhoria da Identificação e Regularização de Terras das Comunidades Quilombolas Brasileiras, 2003.
- 6 Idem.
- 7 Secretaria Municipal de Saúde de Ipirá. Programa de controle de epidemias, 2006.
- 8 Idem.
- 9 Papéis sociais: autoridade, liderança.
- 10 IBGE. Portaria nº 2.025/gm setembro/2004.

- 11 Idem.
- 12 Elza dos Santos, moradora da Olaria, nascida em 30/1/1982.
- 13 CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Argentina: CLASCO, 2005. p.169 – 186.
- 14 SCOTT, Joan, TILLY, Louise e VARIKAS, Eleni. Debate. Cadernos Pagu, vol. 3, p. 11 – 84, 1994.

Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Agricultura, Diferenciação Social e Desempenho Econômico**. Projeto IPEA-NEAD/MDA – Banco Mundial, São Paulo, FEA-USP, 2000.
- ANJOS, Rafael Sanzio dos. **Projeto mapeamento dos remanescentes de quilombos no Brasil - sistematização dos dados e mapeamento-** Relatório Técnico, Fundação Palmares, Brasília, 1997.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Argentina: CLASCO, 2005.
- Fundação Cultural Palmares (FCP) - Ministério da Cultura. **Projeto de Melhoria da Identificação e Regularização de Terras das Comunidades Quilombolas Brasileiras**, 2003.
- IBGE. **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Os Muitos Brasis: Saúde e população na década de 80**. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec, 1995.
- NOGUEIRA, Aristeu. **Histórico do Município de Ipirá. Prefeitura Municipal de Ipirá**, 1988.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DE IPIRÁ. **Programa de controle de epidemias**, 2006.
- SCOTT, Joan, TILLY, Louise e VARIKAS, Eleni. Debate. **Cadernos Pagu**, vol. 3, p. 11 – 84, 1994.
- STRATHERN, Marilyn. **The Gender of the Gift**. Berkeley: University of California Press, 1988.

Anexos

Listado de historias clínicas de adolescentes que se atendieron durante el mes de Noviembre de 2006, en el Hospital Materno Infantil de Ing. Budge.

CA-SO	DOMICILIO		ESTADO CIVIL	ESCOLARIDAD
1	C. de Alas 708. Villa Albertina	18	Unión Estable	Primario
2	Camino Negro y Felipe Castro. Santa Marta	15	Soltera (sola)	Primario
3	Metán 372. V. Lamadrid	15	Unión Estable	Primario
4	Baradero 3212. Ing. Budge	18	Soltera (sola)	Primario Incompleto.
5	Albarden 2075. Ing. Budge	15	Soltera (sola)	Primario
6	Saladillo 2571. Ing. Budge	15	Soltera (Sola)	Ninguno
7	Perez Galdoz 2357. Fiorito	16	Soltera (Sola)	Secundario Incompleto
8	Mazotti 1880. Ing. Budge	16	Soltera (Sola)	Ninguno
9	Ginebra y Montiel. Ing. Budge	16	Unión estable	Primario Incompleto
10	Homero 4449. Villa Albertina	14	Unión Estable	Primario
11	Homero 1922. Santa marta	18	Soltera (Sola)	Primario
12	Bariloche 2225. Ing Budge	19	Unión Estable	Primario
13	Bidasoa 531. Villa Albertina	15	Soltera (Sola)	Primario Incompleto
14	Cañuelas 25. V. Lamadrid	19	Unión Estable	Primario
15	E. Carriego 2214. Ing. Budge	18	Unión Estable	Primario
16	Campana Pusillo 4. Casa 4 Ing. Budge	17	Soltera (Sola)	Secundario Incompleto
17	Falucho 567. Ing. Budge	17	Unión Estable	Primario Incompleto
18	Abello 2699. Ing. Budge	18	Unión Estable	Primario
19	Necol 2428. Ing. Budge	19	Soltera (Sola)	Primario
20	Albarden 2123. Ing. Budge	18	Soltera (Sola)	Secundario
21	Monzotti 2179. Ing. Budge	18	Casada	Ninguno
22	Rivadavia. Manzana 25. Lote XV. Barrio Esperanza	17	Soltera (sola)	Ninguno
23	Falucho 4263. Ing. Budge	14	Soltera (sola)	Primario

La Maternidad Adolescente: Un Caso de Exclusión Socioterritorial en Lomas de Zamora-Liliana Coronel

Recebido em 22 de setembro de 2009.

Aceito em 21 de dezembro de 2009.